

Fernando Schena A presente resenha trata do trabalho realizado pelo antropólogo norte-americano
UFPR Emilio Willems, em colaboração com Gioconda Mussolini, sobre a Ilha de Búzios, localizada no litoral Norte do estado de São Paulo, e a população caiçara local. Originalmente publicado pela Sociedade Etnológica Americana e pela Universidade de Washington, este trabalho recebeu tradução para o português somente em 2003. A publicação do texto, traduzido por Ana Maria Lopes Correia Pontifex e apresentado por Antonio Carlos Diegues, faz parte da série *Ecologia e Cultura*, que o Núcleo de Apoio à Pesquisa sobre Populações Humanas e Áreas Úmidas Brasileiras – Nupaub/USP – vem editando.

Willems iniciou seu contato com as comunidades litorâneas brasileiras na década de 1930, quando realizou várias viagens às vilas pesqueiras do litoral catarinense. Em 1945, já realizava seu primeiro estudo entre os caiçaras de Parati (RJ), mesmo ano em que iniciou uma parceria científica com Gioconda Mussolini. Entre 1946 e 1948, o autor realizou pesquisas sobre os caiçaras que habitavam todo o litoral paulista, paranaense e sul-fluminense. No caso específico do litoral paranaense, recebeu colaboração do professor José Loureiro Fernandes, da Universidade do Paraná, outro profundo conhecedor do litoral sul-brasileiro e da cultura caiçara.

Os moradores urbanos nessa época em geral julgavam a região litorânea como uma área não desenvolvida ou subdesenvolvida, assolada pela pobreza e pelas doenças tropicais, ultrapassada e carente de ações progressistas. Os estereótipos criados pelo homem urbano caracterizavam os caiçaras como preguiçosos, bêbados, imorais, indolentes e não-confiáveis. E, com relação ao aspecto físico do litoral, muitos acreditavam que fosse uma região de natureza intocada. Porém, de acordo com o trabalho de Willems, esta percepção deveria ser corrigida.

Através de uma revisão histórica dessa região, principalmente entre as latitudes 23º e 25º Sul, o autor revela que os pequenos portos marítimos existentes tiveram grande relação com o interior brasileiro e com o mundo exterior, e que suas

redondezas já haviam sido recobertas por extensas plantações de café. A decadência da produção do café havia chegado a seu ápice no final do século XIX, quando a construção da estrada de ferro Central do Brasil facilitou o transporte de mercadorias para os grandes portos marítimos de Santos e do Rio de Janeiro. A conseqüência imediata dessa crise foi o processo de despovoamento da região e a diminuição das atividades econômicas praticamente ao nível da subsistência.

Para Willems, essa instabilidade econômica e as mudanças de condições de vida atreladas em uma raiz indígena, sem os traços da civilização urbana, conferiram aos caiçaras traços psicológicos totalmente inesperados. Na época, a Ilha de Búzios era caracterizada pela ausência de muitos elementos tidos como comuns no continente, tais como eletricidade, telefone, rádio, telégrafo, jornais, serviço postal e farmácias. Até mesmo a energia hidráulica não era usada de nenhuma maneira, o que para Willems foi surpreendente, posto que engenhos movidos a água (monjolos) eram geralmente encontrados por todo Brasil rural.

Um aspecto social importante consistia na ajuda que sempre era necessária para se construir uma parede de sapé. Quando isso acontecia, o homem que recebeu a ajuda precisava pagar por isso, o que geralmente consistia em oferecer uma caninha durante o trabalho ou uma festa noturna. Além dessa recompensa imediata, o homem que ofereceu a ajuda esperava esse mesmo trabalho no futuro. Essa instituição, bastante difundida entre os ilhéus, chamava-se “trocado”.

Comum é associarmos uma região litorânea ou uma ilha com a pesca como principal atividade econômica. Porém, no caso da Ilha de Búzios, trinta e três homens indicaram que a principal atividade era a agricultura e somente dois afirmaram ser a pesca. Na Ilha, as condições da costa constituem o principal entrave para um maior desenvolvimento da pesca, devido à total inexistência de praias rasas e arenosas, o que impede a implantação de técnicas de pesca comerciais e cooperativas como as grandes redes de arrasto. Além disso, o fato de a Ilha ter passado por um momento áureo do café, absorvendo o interesse de várias gerações, fez com que a agricultura e não a pesca se tornasse o modelo mais comum relacionado à subsistência dos ilhéus.

Porém, convém destacar a coleta de limo (algas) como uma atividade econômica emergente na Ilha naquele período, pois os preços pagos pelos comerciantes de Santos costumavam ser bem atrativos. Mesmo não substituindo a agricultura, essa atividade foi responsável por uma considerável diminuição das áreas cultivadas. Curiosamente, a coleta de limo foi uma atividade inserida por um migrante japonês, o qual casou-se com uma nativa e detinha bastante respeito e admiração entre as pessoas, até que foi arbitrariamente retirado da Ilha durante a Segunda Guerra Mundial, acusado pelo governo brasileiro de espionagem.

Para Willems, a substituição histórica do café por outras culturas, assim como a implantação da criação de animais como porcos e cabras e a diminuição das áreas cultiváveis, devido à coleta de algas, revelava a facilidade com que estes caiçaras adotam e depois abandonam novas atividades comerciais e de subsistência, se adaptando ao mercado que se forma com outras localidades. Essa característica histórica de mudança rápida e freqüente da economia não se coaduna com o estereótipo do caiçara estagnado corrente nos centros urbanos brasileiros nesse período.

Ao contrário do que se esperava de uma população mais isolada geograficamente, os ilhéus conheciam a realidade econômica daquela atualidade, ou seja, estavam sempre atualizados a respeito dos valores monetários, das mudanças que afetavam os preços das mercadorias que negociavam e das formas de agregar valor a elas.

A economia da Ilha de Búzios nunca foi auto-suficiente em sua história. Durante o período do café, até mesmo a farinha de mandioca era comprada na Ilha de São Sebastião. Com a queda do café, a coleta de algas e a pesca passaram a ser atividades cada vez mais lucrativas, abrindo novas perspectivas de negócios no interior e fora da Ilha, o que também ocasionou uma certa diferenciação social entre os ilhéus.

Na época da expedição de Willems, os principais produtos adquiridos externamente eram os tecidos de algodão, anzóis, fio para as redes e linhas, enxós, podadeiras, machados, enxadas e utensílios de cozinha. Em contrapartida, artigos e produtos internos como a farinha de mandioca, feijão, batata-doce, banana, abóbora, coco, fruta-do-conde, algas, peixe, galinhas e ovos costumavam ser comercializados para se obter dinheiro. As pessoas que possuíam canoas costumavam alugá-las para outras que não as possuíam e que necessitavam vender seus produtos em outros locais. Como esse aluguel não costumava ser barato, geralmente dois ou três homens se associavam e dividiam o valor do aluguel. Em outros casos, homens cobravam um certo valor para remar o barco até outros lugares transportando mercadorias ou pessoas.

Depois que a coleta de algas se tornou uma boa fonte de renda, um dos moradores criou um novo sistema de comércio na Ilha. Devido a sua postura empreendedora, passou a comprar as algas coletadas pelos moradores, intermediando a venda para outros comerciantes que vinham até a Ilha usando barcos a motor. Esses barcos traziam produtos como sal, açúcar mascavo, fumo, caninha, querosene, fósforos, botões, fios etc, os quais eram vendidos para os buzianos. Muitas vezes, o dinheiro não aparecia nessas trocas entre os ilhéus e aquele morador lucrava tanto na compra das algas, quanto na venda dos produtos.

Segundo Willems, apesar desse mercado de produtos dentro da ilha e fora dela ser conhecido pelos ilhéus, juntamente com os valores monetários contidos em cada transação comercial, o fato de os moradores não aumentarem os investimentos na agricultura e na pesca fazia com que o sistema econômico da Ilha estivesse muito próximo de uma economia de subsistência primitiva.

Outra questão que chamou a atenção do autor foi a quase ausência de regimes e formas de trabalho coletivo que caracterizavam as demais comunidades caiçaras e caboclas do Sul e Sudeste do Brasil. Mesmo os fatores geográficos sendo apontados como causadores dessa característica, para Willems a explicação poderia ser encontrada no fato de não haver uma liderança institucionalizada na Ilha, o que é endossado pelos próprios ilhéus. Obviamente, isso não significa a inexistência de formas de cooperação, pois havia tarefas bastante cooperativas como a construção de paredes de sapé, a descida e subida da canoa e a pesca em canoa de voga por meio de rede. Porém, geralmente essas tarefas ocorriam de maneira intrafamiliar, o que não impedia que um filho menor, por exemplo, não recebesse sua parte em dinheiro.

Segundo Willems, as atitudes comportamentais dos ilhéus destoavam das características associadas a outras sociedades pequenas, isoladas, analfabetas e supersticiosas. De modo geral, as pessoas da Ilha não eram

tímidas, silenciosas, rudes e desconfiadas. Pelo contrário, a comunicabilidade, o senso de humor e a curiosidade eram características marcantes dos ilhéus. Para o autor, essa diferenciação em relação às outras comunidades caiçaras estava relacionada ao mundo ecológico mutável que tornou os buzianos abertos às novas configurações econômicas e sociais que se sucederam.

Outra característica diferenciadora dos ilhéus era com relação ao aspecto crítico quanto a sua situação. Os ilhéus costumavam chamar atenção ao fato de não existir uma escola primária na Ilha, o que os impedia de adquirir uma postura mais capaz em relação aos comerciantes externos, os quais eram acusados de tentar levar vantagens nas negociações. Para eles, os atos de ler e escrever seriam muito importantes nesse contexto.

Por outro lado, na concepção dos ilhéus, a escola era uma instituição que deveria ser oferecida somente pelo governo, não sendo possível uma pessoa alfabetizada ser contratada pela comunidade para ensinar as noções básicas da leitura e da escrita. Para Willems, essa é mais uma questão que apontaria para a incapacidade do ilhéu de planejar e efetivar um empreendimento cooperativista comunitário.

A noção de tempo entre essa população era também bastante diferenciada. Até mesmo os acontecimentos recentes não eram lembrados com exatidão, sendo possível ao autor afirmar que os buzianos viviam exclusivamente do presente e que as projeções para o futuro eram poucas e restritas aos problemas que necessitavam de solução imediata.

Para Willems, a comunidade da Ilha de Búzios consistia numa manifestação da subcultura caiçara:

“A associação da pesca e da agricultura, a predominância do complexo da mandioca, a fraca liderança comunal, as relações sociais individualizadas em um grupo maior e na família nuclear, a ausência de medidas violentas de represália por infidelidade, a ausência do mutirão agrícola, o declínio do culto ao santo e a ausência de instituições religiosas como as novenas, fraternidades e danças sacras, assim como a ausência do jogo, que são todas características de Búzios, são também características da subcultura caiçara em geral” (:171).

Willems afirma que a comunidade da Ilha de Búzios poderia ser uma sociedade em mutação, cuja estrutura e cultura tradicionais estavam sendo enfraquecidas e desorganizadas por influências urbanas. Porém, essa posição não parece ser a mais adequada nesse caso. Os próprios elementos apresentados pelo autor em seu trabalho etnográfico apontam essa comunidade como possuidora de uma grande capacidade de redefinir suas posições sociais, econômicas e culturais em função das próprias necessidades por ela estabelecidas. Uma prova disso é que os principais inventos daquela época não foram introduzidos na Ilha, respeitando as condições de trabalho e vida social de clara influência indígena. Na mesma perspectiva, a Ilha já havia passado por um período áureo, no qual a influência urbana exercia uma força considerável, principalmente no aspecto social, caracterizado pela liderança patriarcal. E tudo isso foi abandonado pelos ilhéus.

Por meio de evidências históricas, Willems acredita que a “frouxidão” da estrutura social se desenvolveu nas décadas que antecederam ao seu estudo, sem nenhum tipo de influência urbana, posto que todas as cidades próximas possuíam a instituição de lideranças e estruturas políticas e religiosas atuantes e essas características não

foram férteis na Ilha. Essa observação de certa forma contradiz a sua própria idéia de que a sociedade de Búzios estava em mutação, influenciada pelas instituições urbanas.

Para finalizar, Willems faz uma reflexão bastante interessante com relação à “desorganização social”:

“Desorganização social é uma expressão relativa e todas as sociedades se deparam com tensões e antagonismos internos, não se pode esperar que a ilha de Búzios esteja livre dessas forças desorganizadoras. Contudo, tais forças estão longe de predominarem sobre as influências que têm sido úteis para a manutenção de uma ordem social consistente e bastante estável. Mudanças endógenas têm sido evolucionárias ao invés de revolucionárias e não existe nenhuma evidência de que levarão a distúrbios sérios em qualquer época. Mudanças exógenas, por outro lado não tem sido suficientes para ameaçar o sistema sócio-cultural existente” (:180).

Essa concepção sobre as influências externas e a dinâmica social interna parece colocar em um mesmo plano duas alternativas de organização social distintas, cada uma posicionada em um dos lados da gangorra, cabendo aos ilhéus escolher para qual lado ela irá pender. Pela própria etnografia de Willems, percebemos que essas influências externas, na verdade, compõem o substrato necessário para reinterpretações singulares dentro da cosmologia desse subgrupo caiçara.